

Da ocidentalidade.

A pergunta "Que é ocidental" terá resposta relativa ao ponto de vista de quem responde, mesmo se desconsiderarmos o fato que o Oriente Extremo fica a Oeste do Far West e que visto dos polos o sentido ocidental perde sentido. Os defensores dos valores ocidentais concebem o ocidente como lugar elevado em cujo cume estão localizados eles próprios, o que resulta em curiosíssima serra. Por exemplo: os alemães exaltados defendiam no início do século o "Ocidente" contra os russos, que por sua vez se tomavam por baluarte ocidental contra o "Oriente" mongol, e os próprios alemães representavam o início do Oriente para os ingleses. Pois os ingleses são para os continentais, (ou o eram até recentemente), a "China europeia". Será o Ocidente mera ilusão ótica, ou haverá possibilidade de absolutizar o seu sentido relativo? Obviamente está o termo "ocidental" não significa, em contextos ideológicos, um lugar no mapa, mas a participação de uma pessoa ou de um fenômeno cultural em determinada cultura, a saber: na "cultura do Ocidente". Não importa onde vive a pessoa, e onde se dá o fenômeno, será ocidental se participar dessa cultura. De maneira que na última guerra os russos podem ter perfeitamente defendido o Ocidente contra os alemães e atualmente os estudantes franceses podem estar defendendo perfeitamente o ocidente contra os americanos.

Teremos, desta maneira, obviado a relatividade do termo "Ocidente"? De forma alguma. Para verificá-lo, basta perguntar a um alemão ou americano se concorda com os dois exemplos supra citados. Que o próprio termo "cultura ocidental" é dubioso ressalta do curioso fato que tal cultura necessita constantemente a ser defendida, embora tenha conquistado o globo inteiro. Provavelmente a melhor forma de definir a cultura ocidental é esta: "minha". É claro que tal definição me satisfaz, mas não satisfaz todo mundo. Para aumentar um pouco a satisfação da definição, os filósofos da cultura recorrem a termos mais objetivos, e uma forma muito comum de definir "objetivamente" o Ocidente é esta: síntese entre as culturas judaica e grega. Isto é mais objetivo, porque, afinal das contas, todos concordam aproximadamente quanto ao significado dos termos "judeu" e "grego". (Ou não concordam?) Mas aí surge nova dificuldade. Serão os judeus realmente um protótipo de Ocidente, e será o Talmud por exemplo um típico representante de tal cultura? Muitos, (e não apenas os antisemitas), tomarão a cultura judaica por "oriental" ou "levantina", parente da cultura islâmica, (a qual, por sua vez, é especialmente em suas manifestações espanholas, pode servir de protótipo de Ocidente para outros). De modo que um dos dois elementos da síntese ocidental pertence, sob certo prisma, a outra cultura. Mas pelo menos quanto aos gregos não deve persistir dúvida: são eles os pais do Ocidente. Pois a dúvida persiste para quem está na Grécia, como é esta quem escreve o presente artigo).

Se eu for ocidental, a Grécia não o é, e se a Grécia for ocidental, certamente não o sou eu. Quando entrei na Grécia, penetrei obviamente cultura estranha.

Estranha não apenas por seu sabor turco, sabor este não apenas sobrevivível no café, mas também no "sublaki" (carne de carneiro grelhada), no chichquebab, nos bazares e no traje das mulheres do campo. Tal sabor pode ser tido por accidental, estranho a própria Grécia, e relativamente recente. Mas estranha principalmente por sua ortodoxia e seu bizantinismo. E quem pode negar que ortodoxia e bizantinismo são caracteristicamente gregos? Refiro-me não apenas as cúpulas das igrejas e aos ícones, as barbás dos papas, e as saias dos soldados, mas principalmente ao comportamento do homem da rua. A curiosa mistura de exagerada cortesia que beira submissão e falta de respeito pelo outro que beira brutalidade é impenetrável para um ocidental no sentido "nosso" do termo. Com efeito: tudo aqui é incompreensível. A língua, e esta não apenas por recorrer a alfabeto levemente diferente do nosso, mas também porque não exista um grego moderno, mas pelo menos três: o falado pelo povo, o utilizado pelos jornais, e o ensinado atualmente nas escolas. (As diferenças entre as línguas são tais que o povo tem dificuldade em compreender jornais e revistas, para não falar nos livros. O governo anterior a este introduziu nas escolas o ensino da língua do povo. O presente governo suspendeu tal ensino por considerar a língua popular "esquerdista", de maneira que agora as escolas falam pelo lado direito da boca e o povo pelo lado esquerdo.) (Exemplo: "ovo" em língua escolar e "oon" e popular "avros", e "porta" em língua escolar "thira" e popular "porta".) O grego homérico é mais incompreensível aos intelectuais atuais que o latim e aos intelectuais franceses, e o grego clássico e alexandrino são quase igualmente incompreensíveis. A língua da Igreja e o grego bizantino, tão incompreensível quanto o é o latim eclesiástico para a população brasileira. Mas não apenas a língua. Igualmente incompreensível é por exemplo a organização social de Atenas, com seu centro, (Omonia), tendo caráter de subúrbio, um dos seus subúrbios, (Syntagma), tendo caráter parisiense, e seu bairro turístico aos pés da Acrópolis tendo caráter iraquiano. E será o Pireu bairro de Atenas ou cidade distante? E o Psychikon será bairro residencial de Atenas ou outra cidade, já que a lista telefônica não o abrange? Os barcos que percorrem as ilhas serão uma espécie de ônibus, ou uma espécie de turismo? Porque as moedas de 20 drachmas são muito menores que as de 10, e porque há preços que incluem gorjetas e outras que a excluem, embora se de gorjeta sempre? E os exemplos da perplexidade do Ocidental na Grécia podem ser facilmente multiplicados, de modo que do seu ponto de vista é possível a afirmativa que a Grécia se ocidentaliza na medida na qual deixa de ser grega. Isto é: na medida na qual por exemplo o canto chorado grego é substituído pelo jazz e pela bossa nova.

Pois a tudo isto pode se retrucar o seguinte: os gregos atuais não são "ocidentais", são levantinos. Bizâncio não é ocidental, e "ortodoxo", isto é eslavo. (Alias a Grécia lembra a Rússia em muitos aspectos). O próprio helenismo alexandrino não é ocidental, é persa, e o cristianismo helenístico não é ocidental e semita. Ocidentais, estes sim, são aqueles gregos construtores de templos e

estatuas, de filosofias e poesias, de ciencias e tragedias, como os quais somos "uma conversacao", (para falarmos heideggerianamente). Ai de nos, defensores do "nosso" ocidentalismo, sera pelo menos isto a verdade? Acaso os templos arcaicos em Paestum, Syracusa e Agrigentum nao evocam nitidamente o Egito, e sera ocidental o Egito? Sera ocidental a sangrenta brutalidade etrusca e a sua magia quase africana, que tanto influenciou Magna Graecia a ponto de permea-la? Sera ocidental a cultura cretense que é o proprio chao do qual toda cultura helenica brota? E a epoca classica, a Acropolis e o templo de Poseidon em Sunion, com sua famosa harmonia, serao pelo menos estes ocidentais no estrito sentido do termo? Ja que estes nao sao apenas extremamente chatos, (em todos os sentidos do termo), (e se chato pode perfeitamente ser caracteristico ocidental), mas tambem extremamente pomposos, visando impressionar o observador e obviamente decadentes se comparados com as obras arcaicas antes mencionadas? O desprezo romano pelo orientalismo grego, (mesclado, obviamente, a admiracao confessa ou inconfessa), torna-se compreensivel em confronto com tais obras. E que a Atenas de Pericles deve ter se parecido muito mais com a rua 25 de marco que com a Academia Paulista de Letras, e é provavel que as perguntas que Socrates formulava na agora quanto a beleza e bondade tiveram normalmente a seguinte resposta nao registrada por Platao: "va plantar batatas" (ou o vegetal entao equivalente). (Suspeito que tal vegetal nao era oliva mas alho.) Quanto a ocidentalidade do romanos, quem viu o luxo oriental no qual estes viviam em Pompei, nutriria serias duvidas e reserva juizo.

A ocidentalidade, (como tanta coisa), quando queremos pega-la pela raiz, se evapora. Quem sabe, ocidental e apenas a sintese entre gregos e judeus, e os proprios gregos e judeus nao sao ocidentais e nunca o foram? Mas ai se impoe a pergunta: os gregos e judeus atuais nao sao acaso, eles proprios, sintese de judaismo, e helenismo? E nao sintese recente, ja que os judeus talmudicos tiveram forte dose grega, e os gregos classicos forte dose semita, inclusive judia? A ocidentalidade, quando buscada, se evapora, mas nao importa. O que importa é isto: quem se aproxima de Poros partindo do Piseu, tendo as costas Algina e o Peloponeso perante os olhos, tendo o incrivel azul das ondas aos pes e estando banhado pela igualmente incrivel luminosidade da atmosfera, vibra com a mesma "simpatia" que moviem Sofocles e Platao, vibracao esta, seja ela ocidental ou nao, que se propagou pelos sete mares. E tal vibracao parece afirmar o seguinte: embora o homem seja mero juguete do ar, do mar e da terra, e embora possa ser consumido pelo fogo sempre latente, ar, mar, terra e fogo podem ser bons e belos quando o homem se assume Homem. Quem quizer, pode chamar a isto "ocidentalidade" (e nao apenas a tecnologia e aos cachorros quentes, que disto sao resultados). Assim concebida, a ocidentalidade, por ser tipicamente humana, é universal, mas paradoxalmente, assim concebida ela é grega. Em outras palavras: somos todos gregos, e lembramo-nos disto em Poros.